

Mi Abuelita Querida...

Aeroporto Internacional de Guarulhos – São Paulo, outubro de 2015.

- Senhoras e senhores passageiros do voo 417 da Alitalia com destino a Roma, horário das 18:30 horas, queiram por gentileza comparecer ao guichê “D” da Alitalia. Primeira chamada...

Opa! Meu voo! Guardar celular, fechar a mochila, verificar se a sacola de mão está fechada, descartar a garrafinha d’água, apalpar a carteira com documentos e dinheiro no bolso interno da jaqueta, passagem na mão, e vamos lá...

Cruzei o embarque preferencial para idosos e vi também casais com crianças pequenas 2, 3 anos de idade, o que evidenciava que durante a viagem possíveis choros de sono e irritação poderão ocorrer com aquelas criaturinhas.

Nada com que eu não estivesse acostumada: Médica no INCOR, 35 anos de idade, Mestrado USP em cardiologia. Doutorado em Roma. Cirurgiã Cardiovascular Pediátrica.

O objetivo principal da viagem será participar do Congresso de Cardiologia em Milão, onde eu, com muita honra farei uma rápida exposição sobre Doenças Degenerativas que podem causar lesões progressivas ao coração, principalmente das crianças. Aproveitarei o Congresso para aprofundar os conhecimentos em Estenose Mitral. Durante 4 dias será essa a maior preocupação em Milão, entretanto esses afazeres acadêmicos não impedirão pequenos passeios e compras rápidas. Estudei na Itália. Conheço bem Milão.

Optei em viajar de trem de Roma para lá, porque além do conforto, a viagem é agradável, e as paisagens muito bonitas. No máximo 4 horas demoraria o trajeto sem a burocracia existente nos aeroportos...

Outros 8 dias em Roma (que desejo, sejam bem longos) para rever a Universidade e algumas amigas italianas que estudaram comigo. Breves encontros, e se descontarmos os tempos de voo, na realidade serão 7 dias, mas estando em Roma, estou em casa... Sentirei saudades do meu filhinho Juan Carlos com 1 ano e meio que ficou sob os cuidados da minha bondosa mãe.

Quantas vezes acordo no sábado imaginando que após as visitas aos pacientes terei tempo para ir ao Shopping com o Maurício e o Juan Carlos. Sempre preciso comprar algumas blusas, lingerie... mas, de repente surge a mensagem no telefone. INCOR, urgente e lá parto eu. Adeus sábado, família e calcinhas.

Agora aqui, terei um pouco de tempo para minhas compras prediletas, principalmente de lingerie da grife Intimissimi que tão belas e confortáveis são. Passear ao acaso pela Via Condotti e depois almoçar no Bernini da Piazza Navona, em paz.

Sempre que estou fora do Brasil vejo, hoje mais do que antes, como foi importante aprender outros idiomas.

Eu, Fabrícia D’Ávila Portocarrero, sou neta de espanhóis por parte de avós paternos. Minha querida avozinha, Maria Dolores, Vovó Lolita, sempre obrigou seus filhos e netos a conversarem em espanhol dentro de casa. Poderíamos misturar um pouco com o português, mas o espanhol ela sempre fez questão que aprendêssemos, e bem. E aprendi. Fui privilegiada em estudar em boa escola lá na cidade de Sorocaba, onde nasci, e o inglês saiu por tabela. As duas línguas facilitaram meu Mestrado aqui no Brasil e mais tarde o Doutorado na Itália, e por lá aprendi também a linda língua italiana. Sempre gostei. Assistia muitos filmes e desde cedo por ela me apaixonei.

Para nós, de origem latina, falar português, espanhol e italiano são tarefas não muito difíceis. Já o inglês pela sua raiz diferente, exige um pouco mais. Meu alvo

mais pra frente é a língua francesa, da qual já arranho algumas coisas... Fica muito charmoso para a mulher, eu acho. Os homens acham.

Meu marido Maurício, fala francês. Fica muito charmoso pra homens. Fala bem também o inglês. Ele é jornalista e viaja para outros países com frequência.

Embarcamos. Sempre tomo providências prévias na aquisição da passagem e reserva das poltronas para não ficar espremida entre outros passageiros. Preciso ter sempre um acesso para um dos corredores, seja à direita, ou esquerda. Estico os pés pra fora (tenho 1,72 m de altura), faço movimentos, tenho o hábito de levantar, ir e vir várias vezes aos banheiros, ou mesmo para andar. Somos médicas, sabemos o quanto é importante essa movimentação a fim de evitar-se ao máximo problemas circulatórios, sem falar na temível trombose venosa profunda.

Vamos deixar pra lá os assuntos médicos. Também não sou daquelas pessoas preocupadas com o que será a minha participação na palestra em Milão. Estou bem à vontade com o assunto. Não preciso rever mais nada, muito menos assuntos que trouxe aqui no lap-top e em pen drive. Quero aproveitar a viagem.

Poucos são os meus momentos de prazer por causa da fase desgastante que estou passando no INCOR, em decorrência dos meus estudos, pesquisas e profissão. Esse desgaste é inerente. Não me queixo, faço por amor, mas às vezes preciso de momentos para mim, momentos meditativos, até mesmo fora do meu relacionamento amoroso.

Abri o lap-top e estou escrevendo um pouco.

Gosto de escrever. Não apenas nas horas vagas ou por passatempo.

Estou me tornando escritora, aos poucos...

Assuntos técnicos relacionados à Cardiologia já se tornaram rotinas. Escrevo para diversas entidades, desde a Sociedade Brasileira de Cardiologia, Associação Médica Brasileira, Associação Paulista de Medicina, e outras das quais faço parte, mas não são esses os meus escritos prediletos, e sim os relaxantes, os ficcionais...

Fica já, caracterizado que gosto de escrever poemas, crônicas, contos e até mesmo romances, vindo nesse crescente, desde os simples poemas, coisas de meia página com alguns versos, até mesmo um romance mais trabalhado com uma dezena ou mais de personagens. Quem já teve oportunidade de ler gostou. E isso além de me deixar feliz, me impulsiona.

Face ao desgaste emocional (e também físico) causado pela nossa profissão de médica é necessário darmos atenção às válvulas de escape, e não somente às válvulas mitrais, aos transplantes, etc.

Amigos meus escrevem, outras são apaixonadas por músicas. Existe o casal que conhece cinema de uma forma bem detalhista. O pessoal louco por viagens, sejam elas as sofisticadas ou mesmo aquelas de final de semana prolongado lá na praia. A necessidade de algo que nos ocupe paralelamente ao hospital é muito importante.

Eu por ter nascido e morado em Sorocaba, cidade vizinha a São Paulo (distando 100 quilômetros) e não tão pequena assim, carrego saudades de muitas coisas vividas na minha doce e atribulada infância de menina agitada (segundo informações de minha avó, com quem mais convivi).

Nasci em 1980 e morei por lá até ingressar para a Faculdade de Medicina na USP, em 1998. De lá pra frente foi só agitação. Fui obrigada a morar em república durante os dois primeiros anos. Meus pais moravam juntos com meus avós paternos e portanto não poderiam se ausentar da casa no interior. Tinham sua vida girando por lá. (Ele tinha uma adega e depósito de bebidas). Minha avó Lolita, prestes a fazer 74 anos não se acostumaria com a vida agitada de São Paulo.

No terceiro ano da Faculdade eu já dava aulas de inglês e espanhol e conseguia me manter financeiramente. O apartamento eu dividia com outras duas amigas também

estudantes de Medicina. Quando a situação apertava eu me socorria com meus pais, e assim fomos passando a vida.

Durante os tempos de república constatei como foi bom ter aprendido, desde cedo, a cozinhar. Mamãe Helena cozinha muito bem. Digo que fiz a graduação com ela e o mestrado foi com vovó Lolita, principalmente quanto aos pratos da cozinha espanhola que ela fazia questão que eu aprendesse.

Minhas amigas gostavam quando eu, inspirada, resolvia ir para a cozinha e fazer Puchero ensopado com costela, lombo, bacon, grão de bico..., as famosas Tortillas de Patata, Tapas espanholas, e até mesmo a Paella Valenciana, de preparo mais difícil porém deliciosa.

Era mais fácil e econômico nós cozinarmos do que comprarmos fora nossa alimentação. Sabíamos a qualidade e procedência daquilo que usávamos. Simples assim, sem contar que o que se cozinhava dava para dois dias. A feira-livre perto do prédio onde morávamos também facilitava isso. Pelo fato de meus pais terem adega lá em Sorocaba, vinho de boa qualidade também não faltava em nossa querida república...

Fazer pizzas, então, era uma alegria total. Primeiro porque todos aqui em São Paulo amam pizzas. Segundo porque é fácil fazer. Terceiro por causa das variedades que você vai inventando... E sobram sempre para serem degustadas novamente no dia seguinte, talvez até mesmo no café da manhã! Delícias.

Quando amigos vinham visitar-nos era uma alegria maior ainda, porque todos resolviam ajudar, em alguma coisa que fosse. Montar a farta mesa, lavar louça, cortar os ingredientes... Se por um milagre sobravam pedaços para levarmos no dia seguinte e comer na Faculdade, mesmo que frias, o prazer então seria completo.

O desagradável nisso tudo foi que cada vez menos eu estava em Sorocaba. Tudo me prendia à São Paulo. O Curso ocupando 8 horas diárias, as pesquisas e outros compromissos. Passei a ser mais paulistana do que paulista.

Saudades culinárias... Hoje a coisa mudou um pouco. Minha preocupação maior é com a alimentação do meu filho Juan Carlos. Eu me viro como posso: Restaurante no INCOR, casa da mamãe (que sempre nos abastece de coisinhas boas quando estamos por lá. Passamos horas agradáveis e depois volto pra casa com alguns congelados para os próximos dias. Santa Helena!

O Maurício adora os pratos que minha mãe faz. Preciso bloquear um pouco porque senão ele quer comer tudo rapidinho o que a sogra “puxa saco” dele sempre manda...

Nem sei porque estou falando tudo isso.

Não estou escrevendo a minha biografia.

Tudo isso é uma pequena e simplória introdução para situar a Dra. Fabrícia no tempo e nos espaços (passado e atual).

O foco desses escritos, que será sim, aos poucos e com muito carinho transformado num Conto, tem o objetivo de falar mais da minha querida avó Maria Dolores, vovó Lolita, carinhoso apelido de quem possui esse nome duplo tão comum em terras espanholas.

Tanto é assim que já o nomeei, de partida, com o título de *Mi Abuelita Querida*.

Você, caro leitor e leitora, não tem obrigação de conhecer a língua espanhola, nem eu ficarei traduzindo todos os termos que dela utilizar para me expressar. Acho que ficaria um pouco pedante; eu estaria subestimando sua capacidade de entendimento e conhecimento se assim o fizesse. Dicionários existem para isso, e a Internet, mais do que nunca, nos socorre num piscar de olhos, afinal estamos na Primavera de 2015 e não na Aurora dos Tempos... (Gosto dessa expressão).

Tomarei a liberdade de esclarecer algo do idioma, se assim eu entender necessário, sem querer passar a ideia de professora. Nada disso.

Se então resolvi falar da Minha Querida Avozinha, é porque dela carrego doces recordações. Muitas passagens da minha vida estão ligadas a existência dessa mulher muito bondosa e querida (brava quando necessário).

Sempre nos relacionamos bem. Bem demais.

Longe dela querer fazer distinção entre seus netos ou netas. Não sou a única neta mulher, e nem a primeira, mas talvez algo já veio no meu DNA com esse diferencial.

Sabidamente fui feliz em identificar essa cadeia hereditária, desde tenros tempos do interior, e dela me apropriei. Sei até que irmãos, primos e primas sempre quiseram se rivalisar um pouco comigo nesses aspecto, entretanto Fabrícia e Lolita são únicas.

Dela relembro coisas e vou escrevendo...

Eu acordava cedo, o que não era normal acontecer para uma menina com 6 anos. Não sei se acordava cedo porque estava com fome ou porque também adormecia cedo na noite anterior, vitimada pelo cansaço causado pelas constantes brincadeiras de crianças descomprometidas com a vida. Eu, minhãs irmãs mais novas e o irmão mais velho. Habitantes de um casarão com árvores, pomar, flores e animais.

Propriedade essa distante cerca de 100 quilômetros da capital paulista. A década de 1980 ia aos poucos se encerrando.

Pulava da cama e a primeira coisa que fazia era descer e ir até ao quarto da minha avó, que ficava na parte de baixo da nossa casa. Usava o seu banheiro; o nosso estava sempre ocupado... A essas alturas ela já costurava em sua velha máquina Singer de pedal.

Quando a temperatura colaborava, sem fazer frio e com o Sol já aquecendo a varanda, ela pedia para meu pai, ou meu tio, carregar a máquina pra fora, e continuava lá os seus infundáveis serviços de costura.

Somente quando eu já estudava, talvez por volta dos 10 anos de idade é que compreendia melhor o porquê das eternas costuras: Necessidade de um rendimento para manter a família numerosa. Tempos duros em que a aposentadoria para a mulher precisava de muita documentação para ser comprovada. Vovó costurava pra fora. Pegava serviços de uma fábrica de roupas masculinas e fazia os acabamentos.

Vovó Lolita trabalhou muitos anos sem possuir registro em carteira profissional, seja inicialmente em trabalho no campo, como ela preferia dizer, ao invés de trabalho na roça, e mais tarde como ajudante de costureira.

Logo que eu acordava, descia atropeladamente os degraus e ao som do inconfundível tic-tic-tic-tic-tic da máquina costurando eu a encontrava.

- *Buenos Dias, Abuelita querida!*

- *Amada Fabrícia, ¿verdad? Ya saltó de la cama?*

- *Si, abuelita, tengo hambre...*

Era este, costumeiramente nosso primeiro e rápido diálogo. Ela interrompia a costura, recuava a cadeira e lá ia eu me alojar em seu colo, sempre quente por causa das costuras pousadas nele ou então pela toalha tricotada que ela mantinha junto às pernas. Vovó sentia frio nas pernas.

- *¿Estás bien? ¿Te acostaste com los ángeles?*

- *¿Que soñaste?*

- *Si. Mui bien... Soñé que estaba jugando en la copa del árbol y encontré un nido de pájaro. Muy lindo, pero pequeño.*

Ficava alguns minutos ali alojada em suas pernas, abraçava-a pelo pescoço e dava-lhe um beijo.

- *Hueles a sueño. ¿No te lavaste los dientes?*
- *Me voy... el baño está ocupado.*
- *Usa mi baño, pero sin dejar caer agua al suelo.*
- *...Y despega como de costumbre. ¿Donde está tu chinelo?*
- *Se mojó anoche en el baño.*
- *Toma el outro rojo. Aquí no te puedes estar descalzo... Puede haber una aguja y algunos alfileres en el suelo. Te picará el pie!*
- *Conseguiré el rojo.*
- *Descalzo, tus pequeños pies serán grandes, como los pies de um hombre!*

Ficou um pouco... vó. Calço 38. Se for bota é 39. Mas são bonitos, femininos. Estão com as unhas sempre cuidadas e pintadas, já que as das mãos, por causa da profissão, quase nunca estão com esmalte.

Ficávamos assim naquele momento de transe. Eu fascinada com os olhos azuis da vovó. Olhos de princesa! Apenas a minha irmãzinha mais nova, a Josefina é quem possuía olhos azuis. Os meus sempre foram castanhos, porém bem claros, talvez tendendo a ser cor de mel.

Eu a olhava, enquanto que ela passava a mão nos meus cabelos encaracolados, mergulhava seus dedos macios no meio deles, e puxava os cachos para fora. Colocava o dedo indicador e girava por dentro da minha cabeleira de criança. Às vezes aquilo causava cócegas, principalmente quando os cachos entravam no meu ouvido. Acho que ela fazia de propósito para ver minha risada e principalmente para ver aparecer as covinhas das minhas faces.

Olhava pra eles, e dizia:

- *¡Estos cabellos nunca serán lisos! Magníficos! Es cosa de Dios...*

Ela profetizou a coisa. Jamais meus cabelos foram lisos. Até hoje! Não adianta tentar nenhum processo para isso porque não funciona. Na escola o meu cabelo se destava do das outras meninas. Sempre gostei dos meus cabelos. Não posso negar que mantê-los compridos até a metade das costas é trabalhoso. Ocupa meu tempo matinal, principalmente quando eu os lavo, mas é agradável senti-los assim livres e bonitos. Sou vaidosa.

Lembro dos dois anos em que morei na Itália, e lá muitas são as moças bonitas com cabelos assim cacheados. Mesmo nesse contexto eu me destacava.

- *No olvide cuidar tus plantas en el jardín. Mira si necesitan agua. Dependen de ti para volverse hermosa. Mira se hay mascotas alrededor, y si están enfermas llama a tu madre o a mí.*

- *Si, lo sé. También están las flores.*
- *Al lavarse la cara quítese el párpado. Se pone feo.*

Dizia isso e massageava minhas coxas e pernas, em todos os lados. Aquilo era um ritual para nós. Levantava um pouco minha camisola e olhava minha calcinha para ver se eu usava a certa, ou seja, somente poderiam ser de cor branca, ou então, com desenhos de bichinhos, florzinhas, borboletas, nada de outras cores.

Uma coisa que nunca esqueci, mesmo sendo médica, cuidando bem da minha saúde, participando de sessões de relaxamento, massagens corporais para desestressar, banhos de ofurô, terapia hindú com pedras previamente aquecidas, enfim coisas que cada vez mais a mídia nos mostra.

Massagens tailandesas sofisticadas e feitas durante o cruzeiro quando estive na Grécia, manobras excelentes, entretanto o prazer, e o bem estar que a rápida massagem matinal feita pela minha querida avó Lolita, nas minhas coxas de criança de 6 anos, eu nunca senti igual. Inacreditável. Como podia! Uma senhora, desde cedo acostumada com a lida dura das coisas da casa, a mexer com terra, mãos grandes, porém com uma delicadeza para o toque corporal e o trabalho com as costuras que sempre foi algo indescritível. Mãos abençoadas!

Some-se a isso o fato de eu ser uma moça sagitariana no zodíaco ocidental e macaco no chinês. Portanto as coxas são o ponto franco do meu corpo físico. E o macaco caracteriza esse lado agitado que eu tenho. Nunca estou parada.

Vovó Lolita sempre falou bem das minhas mãos:

- Você tem mãos bonitas, com dedos compridos. Vai ser pianista, ou médica.

Lembro, no dia da minha formatura mais recente, agora como cirurgiã cardiovascular, que fui beijada e abraçada por ela. Unidas choramos. Eu peguei em suas mãos firmes (em comparação às minhas trêmulas) e disse:

- *Mi Abuelita Lolita. ¡Quiero tener manos como las tuyas!*

- *Tu ya tienes. Así cuida bien a los niños...*

Mesmo agora relembro e escrevendo isso aqui no avião, fico emocionada. Que bom que logo após levantarmos voo, a comissária de bordo passou por mim e ofereceu-me uma garrafinha de 350 ml de vinho branco que aceitei de imediato. Agora seria a hora de tomar um pequeno copo, antes do jantar.

- No ano que vem você já vai para a escola, então poderá usar as calcinhas de outras cores. A vovó vai comprar pra você muitas bonitinhas: amarelas, verdes, azuis, cor-de-rosa com listrinhas. Vamos comprar juntas. Vou deixar você escolher, mas para isso preciso que você faça três coisas pra vovó.

- Eu sei o que é vó!

- Então vamos lá:

- Primeiro, dar um beijo na senhora.

- *Si, y luego...*

- *Entonces tengo que decir el nombre de mi cabello, pero in portugues.*

- Estoy esperando ¿Cónmo se llama?

- *Encaracolado...*

Às vezes aquele “encaracolado” saía de um modo estranho, complicado, enrolado, atrapalhado, e ela dava gargalhadas...

- Agora tem a terceira. É pra responder aqui no meu ouvido.

- Qual a menina mais bonita que mora aqui na rua?

- Sou eu, a Fabrícia...

E eu dizia isso afastando a boca do ouvido dela e procurando novamente aquele par de olhos azuis fulminantes. Esperando pelo veredito, para ver se eu havia passado em todos os testes matinais se já estava pronta pra escapar dali e começar o meu dia.

- *Ahora já te puedes ir...*

E eu saía de seu colo. Sabendo que ela estava me observando sair descalça, com a camisola mostrando boa parte das minhas pernas desde cedo bem torneadas, balançando meu corpinho cadenciadamente ao sabor dos passos apressados para ir ao banheiro. Meus cabelos cacheados iam de um lado para o outro, reluzentes ao receber os primeiros raios de sol. Assim começava o meu dia.

Jamais saberei exatamente quais seriam os pensamentos momentâneos na cabeça daquela senhora simples, porém ciente da sua missão aqui na Terra, aos poucos sendo alinhavada... Lá de cima do corredor eu juro que escutava vovó cantarolar alguma canção trazida das longínquas terras espanholas...

Apreendi a cantar ouvindo minha mãe, sempre alegre, porém, foi prestando atenção nas entonações e no timbre de voz de vovó que descobri o caminho certo.

Hoje, médica, me ressinto do fato de morar em apartamento e não poder ter um animal de estimação. Fico muito tempo fora de casa, meu horário é imprevisível. Quantas vezes preciso viajar, mesmo que por poucos dias, sem contar as ligações de emergência que recebo da UTI do hospital me chamando com urgência porque meu paciente piorou e vai precisar cirurgia às pressas...

Moro nos Jardins, na Alameda Tietê, perto do INCOR, até isso eu programei, pra facilitar minhas atividades profissionais.

Não há tempo para saber se está tudo certo com o cão, gatos, água, ração, etc... Não há tempo a perder. Algumas instruções prévias são trocadas pelo telefone com o intensivista chefe que acompanha o caso e lá vamos nós... É normal eu carregar roupa suficiente na sacola do porta malas do meu pequeno, porém ágil carro, e tomar banho no hospital. Minha mochila também possui um kit reserva de calcinhas, sutiã e meias. Não saio de casa sem ela. Nos tempos em que morávamos todos juntos lá em Sorocaba, nós tínhamos uma cadela linda, da raça Rough collie, branca e dourada (sim o pelo dela era dourado!) chamada Mimosa, que fazia a nossa alegria.

Lembro da Mimosa com suas patonas fortes, maiores do que minha mão. Um amor de criatura. Nós pequenas brincávamos de montar nela, e a farra era completa. Minha irmã menor, a Josefina (a de olhos azuis) era a predileta da Mimosa. Duas crianças.

Hoje, ano 2015, meus pais mudaram aqui para São Paulo e venderam a propriedade em Sorocaba... Minha avó veio junto, é claro, completou 91 anos. Meu avô faleceu quando eu ainda cursava Medicina. A saúde da vovó é boa, considerando os probleminhas condizentes com a idade: Colesterol controlado; há 13 anos fez uma videolaparoscopia para extrair a vesícula; operou as duas vistas por causa da catarata, e problemas circulatórios nas pernas que exigem um pouco mais de atenção.

Todos moram na Zona Norte da cidade, exatamente no Jardim São Paulo, porém não mais em casa térrea. A segurança atual exige que seja em apartamento. Imagino que mesmo tendo um quarto somente dela, deve ser algo torturante envelhecer assim, em oposição à liberdade que todos tínhamos na casa térrea em Sorocaba.

Ela não reclama, mas sei que no íntimo não gosta muito da situação. Também não costura mais. A velha máquina Singer foi aposentada e repousa no quarto dela, ao lado da cama. Possui 2 vasos com pequenas plantinhas sobre ela. Ela ainda faz alguns pequenos trabalhos manuais com tricô, sempre disposta a ajudar quem precisa na comunidade carente do bairro. Já se tornou pessoa conhecida nele.

Num dos meus primeiros passeios em Roma, eu não poderia esquecer de comprar alguns bonequinhos de madeira, os pinóquios. São diferentes e engraçadinhos. Não conheço outro lugar que os venda. Tenho o hábito de deixar amarrado um junto ao leito da minha criança sendo tratada lá na UTI. Quase sempre assuntos muito delicados. E quando acontece a alta, ela o leva de brinde! O menino que tomou conta da criança durante as noites difíceis! Aquilo não me custa nada e dá sorte! Acredito nisso!

Para quem está fora desse ambiente é fácil falar:

- Não se apegue tanto... Vai ficar doente! Seja fria!

Imaginam que nós médicos somos preparados 100% para nunca sofrer isso...

É verdade, no decorrer do curso vão retirando aos poucos o nosso sangue. Nos tornamos insensíveis... Tem gente que acredita nesse monte de besteiras!

Somos de carne e osso igual a todos. Tenho um menino pequenino, certamente sobrinhos, afilhados, filhas de amigos, que costumeiramente estão ao nosso redor. E sofreremos quando as coisas não caminham bem.

Lembro de ocasiões em que terminava meu plantão no Instituto do Coração, aqueles começos de noite em que as coisas não haviam se desenrolado a contento, e eu ainda tinha que ir até a Zona Norte buscar meu filho e depois voltar pra casa. Eu permanecia um tempo na casa dos meus pais, calada, estristecida, procurando pelo carinho da minha avó que sabiamente me compreendia e não falava nada também. Ficávamos sentadas na beirada da cama e ela brincando com meu cabelo eternamente cacheado. Eu chorava quietinha pra não causar mais problemas ainda na casa dos meus pais. Não era justo. Eles faziam tanto por mim.

- *¿Qué pasó Fabrícia?*
- *¿Algún niño del hospital?*
- *Si...No podía soportalo. Él Murió...*
- *Deberia haber sido abogado, ingeniero, arquitecto, dentista... No creo que sufriría tanto, abuelita.*
- *Te entiendo... Estaría orgulloso de ti. Pero tampoco salvaría vidas...*
- *Quantos años tienes ya estudiando medicina?*
- *¿Los años...? Son 14, además de maestría y doctorado.*
- *Cuántas vidas has ayudado a salvar, ¿eh?*
- *Muchos... Perdí la cuenta.*
- *Entonces, estos que se van sin éxito, es el impuesto que se le cobra. No hay nada que hacer... Lo importante es que la cuenta siempre quede a tua favor, no es verdad?*
- *Si, querida abuelita, tienes razón...*
- *¿Usted va a esta bien?*
- *Sí, lo superaré, gracias. Te amo.*
- *Siempre te amaré, eres una excelente mujer. Perfecto.*

Não saem do meu pensamento imagens já costumeiras, assim:

Você termina a cirurgia (quase sempre delicada e demorada de mais de 6 horas), pelo menos conclui a sua parte no procedimento. A criança ficará na UTI cerca de uma semana com ventilação mecânica auxiliar durante 2 ou 3 dias, drenos no peito, cateteres nos bracinhos, sondas vesical e nasogástrica. As primeiras 72 horas são delicadas e fundamentais para o processo como um todo. Durante esse período de fragilidade, são proibidas as visitas dos pais na UTI.

É quase certo que após a primeira semana, a criança continuará por outras 3 ou 4 hospitalizada, porém fora da UTI para ir se recuperando aos poucos.

Aí você retira as luvas, sai do centro cirúrgico, toma água, desacopla lentes, câmeras e outros equipamentos que estavam pendurados a você, senta por alguns minutos, enxuga o suor do rosto, faz alguns exercícios para descontrair a musculatura dos braços, coluna cervical, das mãos, respira fundo e agora, por minutos, mesmo que sejam mínimos vai conversar com os pais da criança, aflitos, do outro lado do vidro, esperando por você. Ninguém se toca fisicamente, e a comunicação, nesse primeiro momento é através de fones. Nos vemos através do vidro.

É quase sempre a aflita mãe quem vem à frente para conversar. Chorosa, nervosa, preocupada, algumas com terço e rosário enrolados na mão direita.

Vocês já se conhecem. A etapa pré-operatória quase sempre exigirá diversas consultas e contatos.

- Doutora Fabrícia! Como foi a cirurgia? Está tudo bem?

Naqueles preciosos minutos, a mãe olha pra você, e enxerga no seu gorro cirúrgico, independentemente da cor que ele tiver, a coroa de rainha de Nossa Senhora. Seu avental cirúrgico, para ela é o manto da Santa que esteve ao lado da sua criança. O estetoscópio que você portará junto ao pescoço, ela o enxergará como o Rosário da Santa. Você é a Santa. Abaixo de Deus, é você quem tem o poder nas mãos.

E você vai acalmando-a, esboça um discreto sorriso.

- Transcorreu tudo bem, sem intercorrências. Foi um procedimento demorado conforme nós já havíamos conversado. Ela vai ficar aqui na UTI durante alguns dias, e nesse período visitas são proibidas por causa da fragilidade da criança. Diariamente vocês receberão notícias, sempre pela manhã, no período entre 10 e 11 horas. Eu estarei aqui ao lado dela sempre que possível. As próximas 72 horas são muito importantes para sabermos como será a reação da menina, mas estamos confiantes... Continuem orando, firmes!

A mãe escutando isso não se contém. Vai às lágrimas. Une as duas mãos em sinal de agradecimento. Do outro lado do vidro somos capazes de sentir a força daquele aperto. Atrás dela, o marido com a mão em seu ombro não consegue dizer uma palavra sequer. Tem os olhos vermelhos e molhados. Nessa hora é a voz de quem é mãe que fala mais alto. É a voz de quem continuará na dianteira. Sempre. O marido é o pai, participou da “confeção”, porém a criança é dela!

... Brasil! São Paulo! Desembarquei às 8:40 da manhã. Retirei minha sacola na esteira de bagagens (veio mais cheia do que na ida. Comprei algumas coisas além de uma outra malinha). Às 9 da manhã já estava no saguão de desembarque e pude ver meu irmão Felipe! Dom Felipe! Combinamos e ele fez questão de vir me buscar. Tinha esse hábito. Éramos agarrados.

Abrços, beijos, carregou minha bolsa maior, e o percebi ligeiramente cabisbaixo.

- Tudo bem por aqui? Você está bem?

- Mais ou menos...

- Como assim? O que foi. Parei de andar a caminho do estacionamento. Olhei para ele.

- A vó não passou bem...

- Vovó Lolita? O que houve com ela?

- Aumento repentino de pressão, sentindo-se mal... levamos ao hospital.

- Hospital? O que aconteceu? Não esconda nada de mim...

- Calma, Fabrícia. Ela está hospitalizada, teve um AVC.

- AVC! Meu Deus! Aonde ela está?

- Internada na UTI do Santa Catarina...

- Santa Catarina, que bom!

- Vamos pra lá, Felipe.

- Sim. Vim com essa ideia.

- Quando foi isso, Felipe?

- Hoje é o quarto dia.

- Por que não ligaram pra mim? Mensagem, celular?

- E do que ia adiantar? Você na Itália. O problema não é coração infantil.

- Eu sei...

- Ela está bem atendida no Santa Catarina. Estão fazendo o possível.

Fiz os procedimentos higiênicos rigorosos que eu conhecia muito bem, conversei com o Dr. Joel, neurologista, chefe dos médicos intensivistas. Logo que o meu irmão

Felipe internou minha mãe, pelo sobrenome dela, reconheceu de quem ela era avó. Eu fiz uma cirurgia na sobrinha dele acho que há uns dois anos.

Permitiu meu ingresso na UTI, como médica, colega, e tivemos rápida conversa, pelo prontuário dela via-se que seu estado de saúde era grave. Muito grave.

Vovó Lolita chegou ao hospital Santa Catarina e imediatamente foi diagnosticada com quadro de acidente vascular cerebral e taquicardia. Seguiu para a UTI imediatamente.

No dia seguinte teve outro Acidente Vascular Cerebral, só que desta vez com uma extensão e “estrago” bem maior, conforme ficou revelado na Tomografia:

“Acidente vascular cerebral, bi-fronto, têmporo parietal direito...”

- Grave, não Dr. Joel?

- Muito. Infelizmente. Está em estado de Coma, conforme você vai ver.

- Sequelas sérias se sair dessa? Perguntei eu.

- Melhor não te falar. Respondeu ele.

- Ontem a função renal já estava paralisando. Fez pneumonia, e só aumenta.

- Ela é forte, tenho esperança que vença...

- Você sabe tão bem quanto eu que não sairá. Lamento.

- Estamos perdendo Dona Dolores...

Imediatamente segui até o seu leito. Detalhes são dispensáveis. Ventilação mecânica, marcadores acoplados. Coração já fraco, aquela indefectível cor de morte já instalada no rosto.

Abaixei, peguei na mão que estava livre, segurei-a com força e não obtive nenhuma reação de resposta sobre a luva..

Passei a mão pelo seu rosto e também a expressão dela não se alterou.

Enxuguei as lágrimas.

- No primeiro dia, sem entubação, as enfermeiras me relataram que às vezes ela virava um pouco a cabeça, de um lado para o outro bem devagar, entreabindo os olhos, como se procurasse alguém e voltava imediatamente para o estado de inconsciência.

- Vou deixar vocês a sós um pouquinho. Foram as palavras do Neurologista Dr. Joel, colocando a mão nos meus ombros.

- Foi bom você ter vindo. Ela estava esperando pela neta...

Voltei a segurar-lhe a mão, olhei para seus olhos na expectativa de que se abrissem, porém não obtive sucesso.

Passei a mão pelos seus cabelos fininhos e branquinhos da testa e não senti nenhuma alteração, mesmo para mim, acostumada com os mínimos movimentos das mãozinhas das crianças.

Ajoelhei ao lado do leito e encostei meu cabelo junto às suas mãos.

Nenhuma reação.

Peguei sua mão e coloquei-a diretamente sobre eles, no meio dos cachos, todos despenteados e revoltos por causa da manhã inusitada e corrida do aeroporto para cá.

Senti um sutil tremor de alguns dedos querendo envolvê-los. O Dr. Joel voltou a ficar ao nosso lado e presenciou aquilo.

Olhou pra mim e sorriu delicadamente.

Pousei minha mão sobre a mão dela, deixando um pouco do cabelo entre elas. Consegui olhar bem para o seu rosto. Ela sorriu! Pude ver um rápido e mínimo sorriso esboçado. Um sorriso de quem estava tranquila. Agora em paz...

Levantei. O Dr. Joel me ajudou, provavelmente com a experiência de quem talvez já fosse avô.

- Ela estava esperando você!

Abaixei novamente, beijei o rosto, mão e testa da *Mi Abuelita Querida*, e sai acompanhada por ele.

- Vocês não vão embora agora, vão?

- Acho que vou descer e tomar um café. Viajei a noite toda de Milão pra cá e cheguei com essa notícia... Estou um pouco fora do ar. Desculpe.

- É melhor tomarem um café. Coma um pãozinho, depois fiquem um pouco lá na recepção. Qualquer coisa eu desço...

Pra quem é do ramo, aquelas palavras bastaram.

Desci de braço dado com meu irmão Felipe. Percebi que ele havia chorado momentos antes.

- O que você achou? Perguntou ele.

- Está tudo bem... Ela está tranquila, sem dores. Sua missão está terminando. Vamos tomar um café...

Pouco depois de uma hora, o celular do meu irmão tocou. Era para nós subirmos até a UTI.

Tocamos o interfone e foi o próprio Dr. Joel que nos recebeu.

- Sinto muito. Já era esperado, você bem viu. Acabou de falecer. Partiu em paz.

- Por favor, aguardem lá mesmo onde vocês estavam que pedirei para levar o atestado de óbito.

- Sejam fortes, principalmente você, Dra. Fabrícia Portocarrero! Sua missão no INCOR está apenas começando. Você está na “Aurora dos Tempos...”



Imagem retirada da Internet. Autor desconhecido

O que a senhora está costurando hoje?

- Estou fazendo a barra de um lindo vestido florido.
- Posso puxar a costura pra ajudar?

Ela olhava pra mim e perguntava:

- Suas mãos estão limpas?
- Mais ou menos, não vai sujar.

Mentirra, nunca estavam... Mesmo assim ela olhava bem pra mim, fazendo aquela cara, e deixava eu puxar o pano já costurado pelo outro lado.

- Vó, quando a senhora tiver tempo, faz um vestido de noiva pra minha boneca?
- Que beleza! Ela vai casar?
- Sim. Já está na idade de casar.
- E será que eu saberei fazer um bem bonito?

Eu ria e falava:

- Lógico que sabe! A senhora sabe de tudo.
- E como tu quieres el vestido?
- Com decote e cauda bem grande.

- Ótimo. A cauda deverá ter no mínimo duas vezes a altura da noiva. Quanto maior for, significa que a noiva é mais pura!

- Sim, ele é pura. É muito boazinha. Não reclama de nada.
- Então vá e traga a sua boneca. Vamos primeiro inspecionar a noivinha.

Voltava eu com a boneca escolhida. Aquela que afirmei estava noiva e iria se casar brevemente.

- Muito bem! Como se chama ela?
- Matildes.
- Que lindo!
- Sabes quem foi Matildes?
- Acho que sabia, mas esqueci...
- Foi uma santa alemã. Filha de pais nobres. E foi educada pela abuela.
- O vestido então vai ser pra ela?
- É.

- Mas primeiro temos que dar um banho nela, não acha? Está com a cara suja, pernas, braços... Meu Deus! Por onde andou Matildes? Na lama?

- Ela gosta de ficar sempre embaixo da árvore. Pra não pegar muito sol. Vê como ela é loirinha?

- Estou vendo.
- E a sujeira caiu da árvore?
- No, no, abuelita, a sujeira foi das comidas que eu faço e dou pra elas, às vezes elas não esperam eu dar na boca, e sujam as mãos. Comem apressadas.
- Agora entendi...

- Deixe Matildes aqui no quarto, que depois do almoço vamos dar um banho completo nela, está bem?

- Sim. Posso trazer a irmã dela, que também se sujou?
- Pode trazer. Como chama a irmã?
- É a Maria de Lourdes.
- Outro nome de santa!
- Só temos santas por aqui?
- *Creo que si...*

Ríamos juntas. Eu saía de lá na certeza de que Matildes seria a noiva mais bonita da cidade! Doce infância!

- Fabrícia, volte aqui...

- *Si, abuela. Que passa?*
- *Y el novio de Matildes?*
- Quem é o príncipe? Eu conheço?
- O noivo?
- Sim... Se Matildes vai casar é porque tem noivo...
- Não pensei nisso.
- Como não?
- Eu não tenho o moço. Só as bonecas.
- *Estas me diciendo que no hay novio para Matildes?*
- *Creo que si.*
- Entonces precisamos comprar um belo boneco novio. Que achas?
- Si. És bueno.
- A Barbie tem. A senhora lembra da boneca Barbie?
- Si. Yo lembro. Como se chama el novio de Barbie?
- Ken.
- ?Quién?
- No, Abuelita. És Ken.
- Se escreve com outra letra. É Ken Carson.
- Garçon? Desses que trabalham nos restaurantes, Mesero?

Ela fazia de propósito, tenho certeza.

- No. Vamos começar de novo, vovó, é Carson. Ken CARSON!
- Garção? Igual aquela ave branca?

E abria os braços e abanava e eu ria... E ela ria.

Aquele nome estranho e pronunciado por mim, com dois dentes faltando, era o suficiente para rirmos...

- Fabrícia! Que está acontecendo aí em baixo?
 - Deixe Dona Dolores nas costuras. Suba para o café. Seu ovo vai esfriar....
 - Manhã vamos na loja escolher um rapaz. Leve Matildes para vermos o tamanho certo. No poderá ser mui grande, nin tampoco pequeño.
 - *Es tu madre.* Ela falava baixinho e colocava o dedo indicador na boca, fazendo o tradicional sinal de silêncio. E eu também fazia o mesmo.
- Silencio em la manhã, porque já foi agitada.
- Levaremos Matildes para escolher...

E não é que o casamento aconteceu? *Matildes e Carlos.* No meio de toda a outra filharada que eu tinha. Até que brincar com as bonequinhas pequenas e delicadas, cuidar, dar banho, comida e não deixar que se estragassem, acabou tendo um resultado positivo, ou não? As minhas enfermeiras cuidam exemplarmente das indefesas crianças hospitalizadas, mas eu supervisiono.

Não sei se o casal Matildes e Carlos viveram felizes para sempre, perdi o contato com eles desde que me transferí para São Paulo. Fui obrigada a mudar de vida.

Mas de uma coisa tenha a certeza, vó: Ainda guardo o vestido de noiva que a senhora fez para Matildes, com muito amor. Está pendurado num cabide pequeno, de madeira, que meu pai fez para mim. Ele ocupa lugar de destaque no meu apartamento, na parte envidraçada da estante junto com os meus livros mais caros.

Muita gente já perguntou sobre o vestido e pediam por detalhes da história de amor entre Matildes e Carlos, ao que eu respondo:

- Qualquer hora com calma eu te conto...
-

- *Qiero aprender a coser, abuela, ¿me puedes enseñar em cualquier momento?*

- *Em cualquier momento. Todavía eres pequeño y puedes lastimarte las manos.*

Doce ilusão de criança. Eu nunca aprendi a costurar direito. Faço apenas aquelas coisas básicas: Barra de calça e pregar botão. Só isso, o difícil empurro pra minhã mãe. Vovó já está cansada pra essa tarefa.

Minhas costuras acabaram sendo diferentes com o passar dos anos... Mesmo assim procuro caprichar, pena que às vezes espalha um pouco de vermelho nas bonequinhas e nos lindos meninos...

Mas logo a gente limpa direitinho e todos voltam a mostrar o sorriso no rosto.

Aquele mesmo sorriso rosado que eu sempre tive, desde criança feliz lá na minha cidade de Sorocaba, porque precisa ser assim!

Agora acabou mesmo.

O Comandante pediu para apertarmos os cintos,
e informou que a temperatura em Roma está 8 graus centígrados.

Quem estiver à esquerda, na janelinha, já consegue ver
o belo Aeroporto Internacional Leonardo da Vinci.

Arrivederci!